

QUANDO A EX-ALUNA SE TORNA ESTAGIÁRIA

Letícia Chokr Rodrigues (UEL)

RESUMO: O estágio obrigatório enquanto componente curricular na graduação de Língua Portuguesa permite um estudo aprofundado do processo educacional. O seguinte trabalho visa apresentar os paralelos observados entre a experiência de estudo no ensino fundamental nos anos de 2013 e 2014 e a retomada ao colégio em 2023, dez anos depois, agora com a perspectiva da docência nas turmas de sexto e sétimo ano de um colégio particular da cidade de Londrina/PR. Como resultado, o objetivo é entender as dificuldades dos docentes dentro da sala de aula – e os desafios de lidar com as diferenças. Como o estágio é a prática assistida pelos superiores da graduação, o estudante se vê na posição de quem não sabe tudo, por isso precisa dialogar com a escola e os alunos. A discussão é embasada principalmente através do pensamento de Gadotti (2004), Rossini (2012) e Arantes (2003).

PALAVRAS-CHAVE: estágio obrigatório; docência; retomada.

1. Introdução

O presente trabalho refere-se à experiência de estágio obrigatório em uma escola particular na zona nobre da cidade de Londrina, no estado do Paraná, durante o terceiro ano do curso de Letras Vernáculas na Universidade Estadual de Londrina, em 2023. Para tal, o estágio acompanhou as turmas de 6º e 7º ano durante os meses de março a maio.

As práticas foram realizadas às terças-feiras, das 07:15 às 10:45, quartas-feiras, das 08:50 ao 12:15 e às sextas-feiras, das 08:50 ao 12:15. Eventualmente, algumas aulas foram acompanhadas no período da tarde, às terças-feiras, durante a aula de Literatura, sob orientação do professor Núbio Delanne Maфра Ferraz.

Como ex-aluna da Escola Crescimento e Conhecimento, entre os anos de 2002 e 2016, toda a noção que tenho de educação e formação social foi desenvolvida aqui. Deste modo, quando o estágio estava para começar, ficou claro que só havia um lugar que alinhasse com os meus ideais de educação: um colégio que, acima de tudo, valorizasse princípios com os quais eu fui criada também.

Antes de mais nada, é necessário reconhecer que a principal função da escola é educar os alunos através dos fundamentos teórico-metodológicos propostos por bases educacionais como a BNCC (Base Nacional Comum Curricular). Mas, além do senso comum

de que essa é a única função da escola, ela também exerce um papel mais do que necessário de educação social. No colégio em questão, que trataremos aqui com o nome fictício de Escola Crescimento e Conhecimento, a educação social caminha lado a lado com a educação formal.

A recente inauguração do novo prédio da escola permitiu que o colégio dividisse a escola em salas temáticas que acompanham as disciplinas ensinadas. O espaço apresenta a sala de Matemática, Ciências, Inglês, Artes, Geografia e, claro, Língua Portuguesa. Junto da biblioteca projetada para atender todas as demandas estudantis, as aulas de Língua Portuguesa e Literatura tomam lugar nesses dois ambientes. Com isso, os estudantes trocam de ambiente a cada aula.

Para a educadora Maria Augusta Sanches Rossini, “o ambiente deve ser rico de estímulos, sempre com elementos do tema da ideia central que devem ser colocados em espaços programados e preparados na própria sala ou em salas ambientais” (ROSSINI, 2012, p. 79).

Na sala de Língua Portuguesa, os estudantes têm acesso a livros, dicionários e pinturas na parede que se casam com a temática. O mesmo vale para as outras salas: na de Ciências, por exemplo, os alunos têm acesso a tabela periódica, manequim anatômico etc.

A observação feita entre os dias 07 e 22 de março, mostrou que, apesar da leve confusão feita na troca de sala, os alunos iniciam as aulas mais animados e motivados, pois a simples troca de ambiente é capaz de fazê-los despertar. Na sala também há a presença de um pequeno palco, comumente utilizado nas apresentações de trabalho. Apesar de parecer pouca coisa, os alunos se interessam muito mais para apresentar os trabalhos porque são colocados em um lugar de destaque durante a realização.

A troca de ambiente permite que os estudantes se coloquem em sintonia com o conteúdo que será estudado. Na sala de Língua Portuguesa, os estudantes só encontram materiais e atividades da disciplina, o que dificulta que os estudantes fiquem dispersos com atividades e tarefas de outras matérias.

Com a noção de que os alunos estavam ali, realmente presentes para as aulas de Língua Portuguesa, ficou mais fácil para a professora e a estagiária coordenarem as aulas em conjunto. Apesar da pequena distração que a presença de outra pessoa causou no começo, lentamente, as salas de sexto e sétimo ano se colocaram em sintonia com a nova forma de ensino que seria utilizada nos meses que sucederam.

2. A relação escola *versus* afetividade

A Escola Crescimento e Conhecimento foi fundada no início dos anos 2000, através de uma família que acredita na educação. A matriarca da família, uma educadora muito conhecida na cidade, tinha como missão o desenvolvimento humano dos estudantes de forma que respeitasse as individualidades dos alunos. Vinte e três anos depois, essa ainda é a forma de se conduzir a educação dentro do colégio. A “pedagogia afetiva” utilizada dentro do colégio permite que os estudantes sejam tratados com individualidade, de modo que todas as necessidades sejam atendidas.

Durante o período de estágio, foi possível observar, mais de uma vez, a forma como a coordenação lida com as necessidades especiais dos alunos. A família é convocada, os professores são chamados e, dentro das possibilidades, escola e família buscam a melhor alternativa para o desenvolvimento estudantil do aluno.

Como citado, dentro da escola, o desenvolvimento do aluno vai além da questão estudantil, mas também é lá que ele aprende a desenvolver e entender a afetividade. Isso ocorre das mais variadas formas: quando o aluno lê um texto que o faz sentir e pensar, quando está jogando futebol com os colegas no intervalo e abraça o time para comemorar um gol, quando resolvem uma briga que estava atrapalhando a dinâmica do grupo e até mesmo quando conversam sobre o que está acontecendo em casa.

Segundo Rossini (2012), o aluno precisa ter a oportunidade de desenvolver a afetividade. É preciso que eles tenham a oportunidade de expandir o emocional, desenvolvendo suas ações como seres sociais. E mais; “isto vale para qualquer área da atividade humana, independentemente de idade, sexo, cultura.” (ROSSINI, 2012, p. 16). Portanto, o emocional do estudante está diretamente ligado ao processo de aprendizado. Se o estudante demonstra dificuldade, tristeza e desânimo, seu ritmo de aprendizado não poderá ser equiparado com um estudante que está bem com o seu mental. Para a psicóloga e estudiosa Valéria Amorim Arantes,

de acordo com Piaget, não existem estados afetivos sem elementos cognitivos, assim como não existem comportamentos puramente cognitivos. Quando discute os papéis da assimilação e da acomodação cognitiva, afirma

que esses processos da adaptação também possuem um lado afetivo: na assimilação, o aspecto afetivo é o *interesse* em assimilar o objeto ao *self* (o aspecto cognitivo é a compreensão); enquanto na acomodação a afetividade está presente no interesse pelo objeto novo (o aspecto cognitivo está no ajuste dos esquemas de pensamento ao fenômeno). (ARANTES, 2003).

Na sala do sétimo ano, o caráter disperso da turma constantemente obrigava a professora a parar as aulas para pedir que todos prestassem atenção no que ela estava explicando. O conteúdo que precisava ser entendido para posteriormente ser procedido pela segunda parte da matéria, tomou mais tempo do que o esperado no planejamento da docente. Dessa forma, ela precisou de uma nova estratégia e outra abordagem para conseguir a atenção dos alunos para reforçar o conteúdo estudado.

As listas de exercícios fora do material didático foram a solução. Os alunos que tinham dificuldade podiam solicitar ajuda tanto da professora quanto da estagiária para a explicação e compreensão dos exercícios. Parte da sala não se interessou e parte pareceu engajada. Os alunos que foram tirar dúvidas com a professora ou estagiária acabaram se sobressaindo na prova em relação aos demais colegas.

Na experiência que tive predominantemente no sétimo ano, os estudantes se reuniam no canto da sala, sentadas nos pequenos sofás que integravam o ambiente da sala de aula e estudavam juntas. Os alunos em questão, em sua maioria garotas, traziam suas apostilas e buscavam entender o que estava sendo pedido pelos exercícios. Esse contato direto com as alunas, chamando-as sempre pelo nome e entendendo as dificuldades delas, proporcionou uma experiência de familiaridade e afetividade, criando conexão com elas. O tratamento individual foi fundamental para a compreensão das questões.

Além dessa forma de afetividade,

trabalhar pensamentos e sentimentos - dimensões estas indissociáveis - requer dos profissionais da educação a disponibilidade para se aventurarem por novos campos de conhecimento e da ciência para darem conta, minimamente, de realizarem as articulações que a temática solicita. (ARANTES, 2003).

Fora essa questão afetiva do contato direto, a presença do professor enquanto líder de sala de aula também influencia muito a relação que ele desenvolve com os estudantes.

Professores conhecidos por serem carrascos raramente tem uma relação saudável com os alunos, diferentes dos professores abertos a dialogar.

Segundo Gadotti (2004), “na concepção de Paulo Freire, o diálogo é uma relação horizontal. Nutre-se de amor, humildade, esperança, fé e confiança.” (p. 66). O estudante só se sente pronto para confessar suas dificuldades quando confia no professor, caso contrário, sente-se acuado e guarda os medos para si. E mais,

as diferenças entre o educador e o educando se dão “numa relação em que a liberdade do educando não é proibida de exercer-se”, pois essa opção não é, na verdade, pedagógica, mas política, o que faz do educador um político e um artista, e não uma pessoa neutra. (GADOTTI, 2004, p. 67)

Desse modo, percebe-se então que grande parte do saber envolve a relação que o estudante desenvolve com seus sentimentos, colegas, equipe docente e pedagógica do colégio. Quando tudo está alinhado, o estudante terá mais chances de suceder em seus estudos, apesar das eventuais dificuldades que possa sentir.

3. A perspectiva de retomada

Apesar de estar localizada em uma nova sede (ao todo, foram quatro), a base da escola permaneceu. Mesmo após o falecimento da idealizadora do colégio e diretora, a família continuou o legado, aderindo também o ensino médio, um sonho que sempre foi da mãe.

O primeiro contato foi recebido com muito carinho pela coordenação do colégio. Um dos professores da escola comentou que era sempre uma experiência emocionante ver um ex-aluno retomando as origens. E apesar da professora de língua portuguesa ter mudado de 2016 para cá, fui recebida com muito carinho pela nova professora.

Como supracitado, a escola oferece uma relação de proximidade não só com o aluno, como também com a família. Na experiência pessoal que tive, diversas vezes meus pais foram convocados à escola para conversas com a coordenação a fim de pensarmos na melhor abordagem para o estudo de disciplinas que apresentei dificuldade, como era o caso da Matemática. Nos fins de bimestre, os pais eram convidados a irem à escola retirar o boletim e as provas dos filhos e, por uma hora, tinham acesso a todos os professores e coordenadores

para falar sobre as notas e eventuais problemas. Fora isso, o contato também sempre foi muito íntimo através das grandes festas realizadas ao longo do ano.

A princípio, havia uma grande festa de encerramento letivo, com danças, fantasias e teatro. Quando deixou de ser viável, passou a se tornar um evento para a família, mas em menor escala. Eventos como Dia das mães e dos pais também são frequentes, bem como festa junina, ciranda científica e a tradicional noite do soninho que convida os alunos até o quinto ano para dormirem nas dependências da escola.

Com o regresso ao colégio, sete anos após a formatura do nono ano, pude perceber que tudo continua igual, ao passo em que também evoluiu muito de uma forma positiva. Conversando com uma das coordenadoras, ela comentou que estavam estudando e aprimorando os conhecimentos sobre os alunos de altas habilidades (no sexto ano, são dois), de modo a atender melhor às demandas deles. Além disso, alunos com transtorno do espectro autista (TEA) são individualmente atendidos pela coordenação em parceria com a família e médicos.

Nas aulas de Língua Portuguesa, apesar da mudança do material didático, o processo segue o mesmo: aulas expositivas dialógicas, na qual a professora instiga os alunos a fazerem reflexões sobre o conteúdo. Isso ficou ainda mais visível na turma do sexto ano quando, por exemplo, utilizamos uma música presente no material didático para realizar uma atividade. Os alunos foram incentivados a comentar sobre a canção e, por serem bem mais comunicativos e participativos, muitos ressaltaram como já conheciam a letra pelo contato externo a sala. Neste momento, os ambientes se misturam, provando que ensinar na escola envolve também a vida do aluno em casa com a família.

Durante a regência, tanto na sala de sexto quanto sétimo ano, propus alternativas que cativassem os alunos para a participação na aula. Elas eram movidas pelo questionamento dos conhecimentos deles, reflexões do conteúdo e correlação com o mundo exterior.

No sexto ano, quando começamos a tratar adjetivos, pedi para que os estudantes descrevessem o ambiente e tudo o que eles viam. A princípio, começaram tímidos. Um aluno disse “vejo você”, então questionei exatamente o que ele via. Começamos com uma descrição minha então. Ele prosseguiu “cabelo loiro e longo” e “camiseta preta e casaco bege” foram algumas das opções, seguidas pela descrição da sala. A correlação do ambiente com o

conteúdo fez com que os alunos entendessem que tudo está, de alguma forma, relacionado com o conteúdo da disciplina.

Na sala do sétimo ano, no primeiro dia de aula sobre texto teatral, questionei os alunos sobre o contato que eles tiveram com o teatro. Perguntei quem já tinha ido, quantas vezes eles foram, se tinha sido com a escola ou com a família, se alguém já tinha apresentado uma peça teatral e se eles já tinham tido contato com o texto escrito. Surpreendentemente, todos os estudantes participaram dos questionamentos. Então, quando fui dar sequência na aula e mostrar os vídeos que tinha selecionado, eles estavam atentos a ver o que aconteceria.

Essa abordagem que escolhi usar, de questioná-los um pouco antes de começar a aplicação teórica das atividades da apostila, instigava-os a pensarem sobre o que estudaríamos naquele dia.

Fora do ambiente da sala de aula, mais especificamente na sala dos professores, tive um contato diferenciado com os professores. De todos os professores que trabalham no ensino fundamental II, seis deles foram meus professores também, e a nova relação me permitiu observar outro ponto de vista da docência. Era lá que eles comentavam sobre as dificuldades do dia a dia, problemas em sala de aula e estratégias para melhor abordar determinadas formas de ensinar.

Enquanto estudante, essas preocupações nunca passaram pela minha cabeça. A docência é um processo bem mais delicado do que imaginamos, então ter a chance de ver agora como os meus antigos professores (e hoje ex-colegas de trabalho) se comportam fora da sala de aula e também sofrem com algumas questões da profissão, me tranquiliza a pensar que o professor, não importa o tempo de formação, não é detentor de todo o conhecimento absoluto do mundo.

“Dentro da sala de aula o professor deve ser o líder, o responsável por iniciar os seus alunos na sociedade, não apenas intelectualmente, mas também emocional e socialmente.” (ROSSINI, 2012, p. 26). Apesar disso, ele não pode ser tratado como o único no ambiente a possuir conhecimento a ser ensinado. A sala de aula é um ambiente de troca na qual alunos e professor compartilham o que sabem para que, juntos, construam o conhecimento necessário a ser adquirido.

A relação desenvolvida entre mim e os alunos permitiu que eles se sentissem confortáveis para conversar. Durante uma atividade, uma situação envolvendo uma dupla

acabou acontecendo, o que resultou em uma aluna chateada e chorosa. Por vontade própria, a aluna aproveitou o fim da aula para conversar sobre os sentimentos, permitindo ser vulnerável.

Em outra situação, os estudantes estavam eufóricos em sala de aula, principalmente os do sétimo ano. Durante alguns minutos livres na aula, duas discentes aproveitaram o momento para me questionar acerca dos casos que estavam acontecendo nas escolas ao redor do Brasil. Após o primeiro massacre e as tentativas seguintes, os estudantes ficaram preocupados com a segurança deles dentro da escola.

O questionamento principal era: “como faremos para nos proteger se algo acontecesse aqui?”, seguido de: “o que posso carregar na bolsa para me ajudar caso algo aconteça?”. Por não ter formação pedagógica ou psicológica, conduzi a conversa da forma que pude, dizendo que essa era uma preocupação normal e que todos nós tínhamos, que eu entendia perfeitamente por que também sou estudante, mas que eu sabia que a escola era muito segura e que eu passaria a informação para a coordenação.

Validar os sentimentos deles e ouvir com atenção as preocupações comprovou que na maior parte do tempo, os estudantes querem ser ouvidos de igual para igual. Sabemos que a escola precisa tomar providências que acreditam ser cabíveis aos contextos, mas quando os discentes demonstram confiança o suficiente para expressarem suas angústias, a relação gerada é de pura confiança.

Da perspectiva de uma ex-aluna, a experiência do estágio na escola foi a melhor que eu pude ter. O colégio passou por grandes mudanças e evoluções, mas fico grata por saber que os princípios de educação permanecem os mesmos. Fui muito bem recebida pela coordenação, pelos professores e pelos alunos.

4. Considerações finais

No quesito experiência em sala de aula no estágio, ficou comprovado que só apresenta benefícios uma vez que é hora de o estagiário viver na prática a docência, mas ainda ter a chance de tirar dúvidas com o professor da sala de aula e professores da universidade. A docência pode ser algo assustador a princípio, mas quando feita em um ambiente que se pode confiar, torna tudo mais prazeroso e educativo.

Ao longo dos anos da graduação, as aulas de metodologia e didática vão sendo coletadas e estudadas, mas se na prática a aplicação for falha, a docência também é. Mais do que saber ensinar os conteúdos propostos pela base, é importante entender desde o princípio que o papel do professor também é aprender e saber gerenciar os acontecimentos dentro de sala de aula. Os alunos têm necessidade de conversar e contar suas histórias pessoais, questionar os acontecimentos do mundo e expor seus medos e opiniões, então cabe ao professor saber como casar a realidade exterior com a sala de aula.

Referências:

ARANTES, Valéria Amorim. Afetividade e cognição: rompendo a dicotomia na educação. *Videtur*, n. 23, p. 5-16, 2003. Disponível em: <http://www.hottopos.com/videtur23/valeria.htm>.

GADOTTI, Moacir. *Convite à leitura de Paulo Freire – pensamento e ação no magistério*. São Paulo: Scipione, 2004.

ROSSINI, Maria Augusta Sanches. *Aprender tem que ser gostoso...* 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

_____. *Pedagogia afetiva*. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.